

Coluna do Castello

JORNAL DO BRASIL Os cinquenta anos em cinco de José Sarney

Uniram-se o político e o escritor José Sarney para redigir uma espécie de preâmbulo à introdução da mensagem - a última - que o atual presidente da República entregará depois de amanhã, quinta-feira, ao Congresso Nacional.



Trata-se de um documento pessoal que Sarney fez preceder à mensagem, cujos diversos capítulos tiveram sua redação confiada aos habituais autores de documentos desse tipo. Sendo parte de um texto oficial o preâmbulo é, ao mesmo tempo, por sua redação e por sua intenção, uma mensagem pessoal do chefe do governo que se despede depois de cinco anos de mandato exercidos em circunstâncias notoriamente especiais. É assim também uma peça de conteúdo humano na qual o presidente pretende situar-se perante a história e a cuja redação dedicou-se com os recursos literários de que dispõe. Merece assim atenção especial nesse ato final de uma transição para a plena democracia.

Sarney, como Juscelino Kubitschek, acha que o país sob seu governo caminhou 50 anos em cinco, não em progresso material mas em progresso democrático. "O país vive uma festa", diz ele, "a festa da liberdade". O preâmbulo faz as vezes do discurso que o presidente poderia pronunciar na transmissão do cargo mas que certamente não o fará dadas as circunstâncias históricas em que passa o governo a seu sucessor. Para ele o ato culmina o processo a que se dedicou de implantar a plena democracia ao longo de cinco anos durante os quais não se teve notícia de sedições militares nem de conspirações. As eleições foram livres, os partidos não sofreram constrangimentos. A imprensa desfrutou de liberdade inédita sem que se movesse a presidência da República em qualquer tentativa sequer de reclamar da Justiça, apesar das agressões de que foi alvo.

O presidente José Sarney confessa o fracasso do seu governo nas "tentativas heróicas" para mudar a economia, mas acha que isso se deve sobretudo aos que, beneficiários de uma ordem injusta, negaram-se a apoiar as medidas necessárias. "Faltou-me a colaboração das forças sociais que se favoreceram com a miséria coletiva". Recorda a experiência do Plano Cruzado, cujos méritos

volta a apregoar, e a renovação dos esforços de contenção inflacionário dos Planos Bresser e Verão. Acha que, se tivesse conseguido cooperação, o pacto social teria sido o instrumento adequado para aliviar as tensões sociais e recuperar o equilíbrio financeiro. Mas afirma com ênfase que no seu governo não houve recessão, por deliberação do presidente que tudo fez para evitá-la. A taxa de desemprego reduziu-se, o funcionalismo público teve seus números diminuídos, ainda que levemente.

Passando por alto suas dificuldades com o Congresso, Sarney fala na Constituinte que trabalhou livremente para chegar à Constituição de 1988 e se refere ao fato de ter exercido por vezes o direito de crítica ao texto que se elaborava. Uma vez avotada a Carta, o governo esmerou-se em dar-lhe cumprimento, ajustando sua rotina ao que está nela estabelecido, inclusive na sua repercussão orçamentária. No preâmbulo o presidente não se estende em citar realizações, tema deixado para a própria mensagem na qual os diversos ministérios especificam e quantificam o que se fez no curso do atual governo. A política externa é o seu orgulho.

Sarney prefere fixar-se em outros aspectos, como por exemplo o de não ter perseguido ninguém. "Nunca, por meu desejo, cravei espinho algum no peito de ninguém", diz entre aspas citando um autor cujo nome não é mencionado. No entanto um autor é expressamente citado, Abraão Lincoln, quando disse que ao se despegar do poder ainda teria um amigo, "o amigo que está dentro de mim", numa alusão à paz de consciência que espera levar consigo para os dias de retiro da vida pública. Ele vai tranquilo, pois "a nação está em paz".

O texto pessoalmente escrito por José Sarney tem 24 laudas datilografadas no seu original e revela especial cuidado literário na sua elaboração. O presidente também reviu pessoalmente a íntegra da mensagem, alterando-a em diversos pontos e corrigindo-a para conformá-la ao seu gosto ou à sua vontade. Ele classifica a primeira parte como "uma síntese introdutória, de caráter político".

Vamos ao ministério

Com a chegada hoje do presidente eleito, Fernando Collor, deveremos ter a qualquer momento a lista de novos ministros, de seis deles: Exterior, Educação, Saúde, Trabalho, Ação Social e Agricultura. Quatro já são conhecidos, Justiça, Exército, Marinha e Aeronáutica. Ficará para março o que importa, Economia e Infra-Estrutura.

Carlos Castello Branco